KATE BATEMAN

ESPIÕES & SEGREDOS

Orquídeas & Viscos



VISIT...

LANZAROTE Caliente.com

KATE BATEMAN

ESPIÕES & SEGREDOS

Orquídeas & Viscos



Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Capítulo1
5. Capítulo2
6. Capítulo3
7. Capítulo4
8. Capítulo5
9. Capítulo6
10. Capítulo7
11. Capítulo8
12. Capítulo9
13. Capítulo10
14. Mais da Série
15. Sobre a Autora
16. Informações Leabhar

Guide

1. Cover
2. Beginning

Orquídeas & Viscos

KATE BATEMAN



1ª Edição



Leabhar
2022
Ribeirão Preto/SP





Título Original Orchids and Mitlestoe
Secrets and Spies Series
Copyright © 2022 Kate Bateman
Copyright da tradução©2022 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Regiane Moreira
Revisão: D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

B329lbe

Bateman, Kate

Título: Orquídeas & Viscos (recurso eletrônico) © 2022 Leabhar Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP-

Tradução de: Orchids and Mistletoe ©2022 Kate Bateman

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-030-1

1. Romance de Época. 2.Americano. 3. Moreira, Regiane. I. Título

CDD 82-32
80754 **CDU 134-3**

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de Setembro, 1851 coj.1 CEP: 14025-200 - RP/SP – Brasil.
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

CAPÍTULO I

Docas de Deptford, Londres. dezembro de 1816.

As promessas no leito de morte eram as piores.

Christopher 'Kit' Carlisle apertou os dedos ao redor do medalhão de prata, em sua mão. A bugiganga, com suas delicadas filigranas e minúsculas samambaias, era a única coisa de beleza, em sua imunda cela de prisão. A corrente havia desaparecido há muito tempo, usada como suborno para um dos guardas, mas Kit protegeria o medalhão com sua vida, assim como havia prometido.

A última súplica de seu velho amigo ecoou em seus ouvidos.

— Dê isso para minha irmã. — a voz de Andrew tinha sido pouco mais que um sussurro, quando colocou o medalhão na mão de Kit, com o último vislumbre de sua força. Manteve-o escondido durante todo o encarceramento, um lembrete de outra vida mais feliz.

— Cuidará dela para mim, não é? Dirá a ela o que aconteceu?

— Eu vou. Juro.

Ambos sabiam que Andrew não viveria para completar a tarefa sozinho. Sucumbiu aos ferimentos, na noite seguinte, escapando da miséria da cela, onde ambos foram mantidos como prisioneiros de guerra, cortesia de Bonaparte.

Kit balançou a cabeça, desalojando a memória dolorosa. Isso foi há quase dezoito meses e, ao contrário de Andrew, ele sobreviveu. Raven, seu amigo e colega agente, mais conhecido pela alta sociedade como Lorde William Ravenswood, havia realizado um resgate ousado no momento em que o próprio, Kit, estava batendo na porta da morte.

Sua recuperação havia levado meses. Perdeu tanto peso, que parecia um esqueleto ambulante, e tinha sido assombrado pelas lembranças de sua prisão, atormentado pela culpa de ter sobrevivido para voltar à Inglaterra, enquanto Andrew tinha sido enterrado, em uma cova empoeirada e sem identificação, no norte da Espanha.

Kit engoliu profundamente, com gratidão por seus irmãos de armas. Raven, Nic e Richard se recusaram a deixá-lo recuar na escuridão e na autocomiseração. Utilizaram uma combinação implacável de coação e bondade, para ajudá-lo a se recuperar.

Nic - sempre o francês - contratou um dos melhores chefs de Londres, para criar deliciosas refeições, para tentar seu apetite. Richard treinava com ele diariamente. Primeiro com exercícios suaves, e depois com esgrima e boxe, mais extenuantes, repetindo incansavelmente os mesmos movimentos, várias vezes, para reconstruir seus músculos desgastados. Raven o regalou com um fluxo constante de fofocas, mantendo-o a par de tudo o que estava acontecendo na sociedade, mesmo enquanto estavam escondidos no esplêndido isolamento da propriedade rural de Kit, Ashford Court, perto de

Bath.

A carruagem deu um súbito solavanco e Kit piscou para a agitação dos estaleiros do Deptford de Londres, além da janela. Deparou com seu reflexo; mal se reconhecia, agora que estava bem novamente. Sua pele havia perdido a palidez antinatural. Estava bronzeado e saudável, mais forte do que nunca e pronto - embora com relutância - para reingressar na sociedade educada.

A missão de hoje era o passo final em sua reabilitação. Tornou-se fisicamente capaz de manter sua promessa a Andrew, seis meses atrás, mas a mulher a quem este medalhão era destinado, a irmã de Andrew, não estava no país.

Lady Emma Townsend. Kit não a via há mais de três anos, mas ela nunca esteve longe de seus pensamentos.

Emma, finalmente, voltou de sua expedição mais recente à América do Sul. Seu navio - não apenas um navio no qual ela havia navegado, mas o dela, no sentido literal, pois era dona da coisa - havia ancorado aqui, em Deptford, na noite passada.

Daí a presença de Kit, esta manhã. Encontraria Emma, lhe daria o medalhão e partiria, livre do fardo da responsabilidade que o atormentaram no último ano e meio.

A visão dos navios, além da janela da carruagem, causou um anseio, familiar mas inesperado, em seu peito. Um anseio por aventura, por novos horizontes. Depois dos horrores da Espanha, nunca pensou que iria querer deixar a Inglaterra novamente, mas, talvez, o retorno de sua vontade de viajar não fosse tão estranho. Afinal de contas, ficou preso dentro de casa, durante os primeiros seis meses de sua convalescença, e, no ano passado, quase não viu ninguém, além de seus três amigos e suas esposas.

Definitivamente, era hora de se juntar ao mundo.

Uma rajada de granizo passou pela janela e Kit respirou fundo, saboreando o ar frio em seus pulmões, tão diferente do calor seco e empoeirado da Espanha. Faltava menos de uma semana para o Natal. Ele não gostava de multidões, mas se forçaria a comparecer a algumas das intermináveis festas, aqui na cidade, e então poderia retirar-se para Ashford Court e saborear a paz e a solidão, mais uma vez.

Mas, primeiro, o medalhão. E Emma.

Seu estômago deu um nó em antecipação e medo de vê-la novamente. Havia mudado tanto do garoto que ela uma vez conheceu. Será que o reconheceria, depois de todo esse tempo?

CAPÍTULO 2

— Não ouse morrer agora!

Emma Townsend apontou um dedo acusador para a orquídea murcha à sua frente.

A planta - sem surpresa - não respondeu.

— Não passei incontáveis horas mimando-a, através do Atlântico, para que cedesse ao fantasma, assim que chegamos à Inglaterra. — repreendeu. — Agora se anime.

Seu ânimo, já baixo, diminuiu um pouco mais. Tinha tantas esperanças quando deixou o Brasil, mas tão poucos de seus preciosos espécimes sobreviveram. O capitão Horner, gentilmente, permitiu que usasse a sala de mapas, para abrigar suas plantas, já que recebia mais luz, mas as coitadas ainda estavam fracas.

A vista da janela de sacada gradeada era igualmente deprimente. Londres parecia exatamente como se lembrava. Fria, cinza, sombria. Um sol aquoso filtrava-se fracamente através das nuvens e o ar cheirava mal - a lixo e carvão. Marinheiros, trabalhadores portuários e prostitutas se apressavam em seus negócios, esquivando-se de guindastes e guinchos, descarregando caixas de produtos. *Mudlarks*, a maioria crianças vestidas com trapos, vasculhavam a beira da água em busca de qualquer coisa que pudessem vender.

Emma estremeceu. Ela havia esquecido este frio úmido; um contraste tão grande com o calor da floresta tropical úmida. Daria qualquer coisa para estar fora novamente, navegando para um lugar quente e colorido, mas passariam semanas, até que pudesse fazer tal coisa. Ela *iria* - assim que honrasse Andrew, dando o seu nome a estas malditas orquídeas.

Se alguma das malditas coisas sobrevivesse a esse frio infernal.

Tinha certeza de que as plantas à sua frente eram uma nova espécie de orquídea, uma subespécie, ainda não classificada de *oncidium*. Tudo o que precisava fazer era manter uma daquelas coisas, de aparência patética, viva, e florescendo, para apresentar aos cavalheiros da Sociedade Botânica, em sua próxima reunião, em duas semanas. Mas, dos vinte e três exemplares que trouxera do Rio de Janeiro, dezoito já haviam perecido. Apenas cinco pareciam estar agarrados à vida.

Emma chutou um caixote de madeira, próximo, em frustração — Coisas malditas. Por que devem ser tão contrárias?

Ficaria feliz em sair deste barco maldito e seguir para terra firme.



— Não sou especialista, mas não acho que falar com elas tenha algum efeito.

Emma gritou. A voz rouca, cheia de diversão, veio diretamente de trás dela. Virou-se alarmada, com a mão pressionada na garganta, e tropeçou de volta em um caixote.

O intruso preencheu a escada sombreada, que descia do convés superior.

Seus ombros - muito largos, em um sobretudo de lã escura - bloqueavam quase toda a luz de cima. Seu coração disparou com seu tamanho imponente, mas ela inclinou o queixo em desafio.

— Esta é uma cabine particular, senhor. — disse friamente.

— Peço desculpas. Eu estava procurando por Lady Emma Townsend.

Emma franziu a testa. O gigante deve ser um portuário, que foi instruído a ajudá-la a descarregar suas plantas.

— Sou eu.

Ela arrastou os olhos de seu físico impressionante e gesticulou para o caixote mais próximo — Por favor, tenha cuidado com essas plantas, em particular. São extremamente frágeis. Uma carruagem deve estar esperando por mim no cais - elas precisam ser colocadas lá, para que eu possa levá-las pessoalmente à minha residência, em Londres.

O estranho entrou na luz, e Emma prendeu a respiração.

— Kit? — ofegou.

O canto de sua boca se curvou em um sorriso irônico, em sua descrença atordoada — Em carne e osso.

Querido Deus do Céu, era ele!

O único homem que ela não esperava.

O único homem que, secretamente, desejava ver.

— Está de volta. — gaguejou, espantada e um pouco desorientada com a aparição repentina dele — Em Londres, quero dizer.

— Assim como você. Teve uma viagem bem-sucedida?

— Er. Sim. De fato.

Seu coração começou a bater forte e o calor penetrou em suas bochechas. O amigo de seu irmão ainda era, sem dúvida, o homem mais impressionante que ela já tinha visto. Bonito era uma palavra suave demais para a áspera angulosidade de seu rosto. Seu nariz tinha uma ligeira protuberância perto da ponte, como se tivesse sido quebrado, uma ou duas vezes, e uma cicatriz fina, que não estava lá, três anos atrás, dividia a ponta de uma sobrancelha fulva. Nenhuma das '*falhas*' prejudicava sua atratividade, nem um pouco.

Seus penetrantes olhos cinzas ainda eram os mesmos, assim como os lábios que fantasiava beijar, desde que tinha dezesseis anos. Ele era dolorosamente familiar... e sutilmente diferente. Mais velho, mais amplo. *Mais selvagem*.

Aturdida, Emma reprimiu o impulso bizarro de, simplesmente, se jogar em seus braços.

Ela não via o homem há anos, pelo amor de Deus. Ele, provavelmente, ainda pensava nela como a irmãzinha irritante de Andrew.

Ele a estava olhando com expectativa, e, enquanto havia mil coisas que queria dizer-lhe - mil perguntas que desejava fazer, sua língua parecia ter se enrolado em nós.

— Eu… preciso de um pouco de ar. — gaguejou.

Ele abriu a boca para responder, mas ela se adiantou e ele deu um passo para o lado, para deixá-la passar. Tinha acabado de colocar o pé no primeiro degrau, quando um estrondo alto e um berro de aviso soaram, diretamente acima.

Ela olhou para cima. Kit saltou para frente, empurrando-a, de costas, contra a parede, achatando seu corpo contra o dela, enquanto uma enorme caixa de madeira caía através da escotilha aberta. Despencou pelas escadas, atrás deles, com uma farpa de madeira aterrorizante, errando seu ombro, por apenas um centímetro.

Emma soltou um grito estrangulado.

— Está tudo bem. Eu a tenho. — a voz profunda de Kit retumbou em seu ouvido.

Ela conseguiu assentir, humilhantemente consciente dos arrepios em todo o corpo, que sua súbita proximidade estava produzindo. Seus braços subiram para segurar sua cabeça, em um gesto instintivamente protetor, e seu rosto estava esmagado contra seu peito, duro como pedra. O incrível calor de seu corpo queimou as camadas de suas roupas.

Disse a si mesma que era difícil respirar porque, finalmente, estava usando um espartilho novamente, depois de semanas - e não porque estava nos braços de Kit.

Quando finalmente conseguiu inalar, recebeu o cheiro *dele*, um aroma inesperadamente delicioso, de pele masculina e colônia à base de cedro. Sua cabeça flutuou. Ele podia estar vestido como um rufião, mas não cheirava como um. Tinha um cheiro limpo e totalmente convidativo, demais.

Sua bochecha roçou a dele, enquanto ela levantava a cabeça. Ele se afastou - apenas uma fração - trazendo aqueles lindos lábios perigosamente perto dos dela, e seu estômago deu uma cambalhota novamente quando a olhou. Os gritos e passos de cima desapareceram. Eram as duas únicas pessoas no mundo.

— Obrigada. — Emma conseguiu dizer, sem fôlego — Acho que acabou de salvar minha vida.

Seu olhar caiu para os lábios dela, como se antecipasse uma recompensa, do tipo mais perverso, e ela respirou fundo, mais do que disposta a obedecer. Ergueu o queixo em um convite silencioso, mas, para sua intensa decepção, ele se afastou da parede, dando um passo para trás, soltando-a.

— Não pense nisso. — ele rosnou.

Maldição. Sua atração por ele sempre foi unilateral.

Para encobrir sua mortificação, ela se apressou para inspecionar suas plantas, morbidamente certa de que haviam sido achatadas pelo caixote rebelde, mas todas ainda estavam seguras no parapeito.

— Tudo bem aí embaixo? — o grito preocupado ecoou pela escotilha.

— Sim, obrigada, capitão Horner. — gritou Emma de volta.

Subitamente ansiosa para escapar dos limites da cabine, e da presença enervante de Kit, pegou a orquídea mais próxima e a jogou na direção dele.

Ele aceitou automaticamente, e ela pegou um dos seus, segurando o pote de terracota na frente dela, como um talismã para afastá-lo.

Ele olhou para o emaranhado de raízes e solo — Parece morta.

Ela apertou seu próprio pote protetoramente contra o peito — Não é isso. É uma orquídea em sua fase adormecida. Deve ser assim. — apontou para uma protuberância irregular, brotando de um dos brotos mais altos. — Lá. Está vendo aqueles botões? Em, mais ou menos, uma semana, elas produzirão as flores roxas mais bonitas que já se viu.

Kit deu de ombros e ela se lembrou de parar de olhá-lo. Era ainda mais largo do que antes, mais musculoso do que a maioria dos membros masculinos da *ton*. Mais musculoso do que qualquer um, na verdade.

— Se está dizendo.

— Sim. — Emma enviou-lhe seu olhar mais severo, aquele que aperfeiçoou ao longo dos anos, tendo homens duvidando de sua experiência. Era o mesmo olhar que daria aos cavalheiros eruditos da Sociedade Botânica, se discordassem de sua afirmação, de que essas plantas eram uma espécie não documentada anteriormente.

Ainda assim, isso era um problema para outro dia. Antes, tinha que ter uma planta viva e florida para mostrar-lhes. O pensamento a empurrou para a ação.

— Por aqui. — pegou um segundo pote, caminhou pelas ruínas estilhaçadas no chão e subiu as escadas. Kit a seguiu, sem comentários.

Uma carruagem preta elegante estava esperando por ela no cais, como ela havia solicitado, então desceu a prancha e deslizou as plantas para o chão, entre os assentos. Kit depositou sua própria planta ao lado dela e ela lhe enviou o que esperava ser um sorriso vitorioso.

— Se importaria de pegar as outras duas orquídeas, por favor?

— De jeito nenhum.

Desapareceu de volta na prancha e Emma mordeu o lábio. Não deveria estar pedindo a ele - *Lorde Ashford* - para buscar a carga para ela, mas, vê-lo novamente, depois de todo esse tempo, confundiu seu cérebro.

Ele sempre teve esse efeito sobre ela. Passou a maior parte de sua vida em torno de homens, de marinheiros corpulentos a pretendentes ansiosos, mas nunca ninguém a afetou tão fortemente, quanto Kit Carlisle. Enfeitiçou-a, há muito tempo, e o encantamento nunca se desfez.

Entrou na carruagem, acomodou-se no assento, respirou fundo e se acalmou. Esperava que três anos longe dele a tivessem tornado imune a seus encantos, mas parecia que sua atração estava mais forte do que nunca. Isso tornaria a próxima fase de seu plano mais embaraçosa, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Suas plantas eram sua principal prioridade; faria o que precisava ser feito e ignoraria sua própria resposta embaraçosa ao homem.

Na verdade, sua aparição aqui, agora, era incrivelmente conveniente. Ela pretendia visitá-lo em Somerset - embora em um momento de sua própria

escolha, quando teria tempo para se preparar. Ainda assim, aproveitaria esta oportunidade inesperada.

Kit era a última esperança de suas orquídeas. Ou melhor, sua estufa era. Sua casa de campo, Ashford Court, era famosa nos círculos de horticultura, por sua estufa incomum, totalmente aquecida, por fontes geotérmicas naturais. Seria o melhor lugar possível para suas orquídeas florescerem.

Faria uma oferta que ele não poderia recusar.

Quando ele reapareceu, com as duas plantas restantes aninhadas em seus braços, ela lhe enviou um sorriso agradecido, quando as depositou a seus pés na carruagem.

— Obrigada.

Ele assentiu, e ela abriu mais a porta da carruagem — Poderia entrar aqui um minuto? Há algo que eu gostaria de discutir.

CAPÍTULO 3

Kit olhou para a expressão ansiosa de Emma e tentou esconder sua própria sensação de perplexidade. Ela sempre foi atraente, mas nada poderia tê-lo preparado para a beleza arrebatadora em que desabrochou, durante seu tempo separados. Reconhecidamente, ele não esteve muito em companhia feminina, no último ano, mas era difícil não olhar como um simplório.

Em sua cela, costumava imaginar uma mulher perfeita, ali ao seu lado, como uma distração. Lady Emma Townsend era melhor do que qualquer fantasia que já tenha sonhado. Sua pele lisa, era tocada com uma pitada de sol fora de moda, e ao serem quase atingidos, seus lábios estavam tão próximos, que ele poderia ter baixado a cabeça e sentido seu sabor.

Ficou muito tentado.

Quando ouviu o estalo do guindaste acima deles, ele reagiu instintivamente, jogando seu corpo contra o dela. Em qualquer outro momento, seu coração estaria martelando, por causa do quase acidente ou porque não gostava da sensação opressiva, de estar embaixo do convés. Esses espaços pequenos e fechados o lembravam de sua prisão. Mas sua pulsação elevada e peito apertado foram por uma razão totalmente diferente - *ela*.

Tudo tinha entrado em foco. Seus olhos verdes, arregalados em alarme, a deliciosa pressão de seus seios contra seu peito. A fragrância leve e floral de seu perfume.

Seu pênis se contraiu em suas calças.

Pela primeira vez, em dezoito meses, sentiu-se totalmente desperto, vivo, em cada parte de seu corpo. Era como se estivesse meio adormecido e acordasse só agora.

Por causa dela.

Com um grunhido, ele subiu na carruagem.



Emma se recostou no assento de veludo, enquanto Kit se acomodava em frente a ela. Seu grande corpo dominava o pequeno espaço.

— Costuma passar seu tempo nas docas de Deptford, disfarçado de porteiro, Lorde Ashford? — perguntou levemente.

Seus lábios se contraíram em seu tom de provocação — Eu não estava me disfarçando de nada. É a única que fez essa suposição. E, por favor, me chame de Kit. Acho que salvá-la de certo perigo, significa que podemos pular as formalidades.

O calor escaldou suas bochechas, com a lembrança de seu corpo pressionado contra o dele, com o quão perto seus lábios estiveram dos dela.

Ele se inclinou para frente e enfiou a mão no bolso de seu sobretudo, e sua expressão ficou séria — Na verdade, vim encontrá-la. Eu preciso lhe dar isso.

Emma olhou para o objeto na palma da mão dele e seu coração se

apertou de angústia, ao reconhecer o pequeno medalhão de prata.

— Oh! Isso era meu! Eu dei para Andrew, quando ele partiu para a guerra.

Lágrimas picaram seus olhos. Vê-lo novamente foi como um soco no estômago.

Kit assentiu — Eu sei. Nós dois fomos mantidos na mesma cela de prisão, pelos últimos seis meses de sua vida. — sua voz era baixa, cheia de compaixão — Eu estava com ele, quando morreu. Ele queria que o tivesse. Pediu-me para lhe trazer.

Emma engoliu em seco, determinada a não chorar — Obrigada. — conseguiu dar um sorriso sem graça — Me perdoe. Eu sei que ele se foi, mas isso torna tudo... mais real, de alguma forma. Tenho fingido que ele está simplesmente navegando pelo mundo, tendo aventuras, como eu. É difícil aceitar que realmente esteja morto.

Os dedos fortes de Kit lhe deram um aperto reconfortante, enquanto fechava o punho dela, ao redor do tesouro.

— Sinto muito. Eu não queria causar-lhe dor. Fiz tudo ao meu alcance para salvá-lo, mas ele estava, simplesmente, muito doente. Se serve de consolo, ele não sofreu por muito tempo. Se foi, não muito depois de me encarregar de devolver-lhe isso.

A aspereza de sua voz revelou sua própria dor e arrependimento, e Emma deu-lhe um olhar de comiseração — Sinto muito que tenha tido que lidar com isso. Estou feliz por ele ter alguém ao seu lado, para conforto, no final.

Kit assentiu, então limpou a garganta e se recostou no banco. A carruagem balançou.

— Então. Minha promessa foi cumprida. — alcançou a maçaneta da porta — Vou dizer adeus, Lady Emma.

Emma segurou seu antebraço — Não, espere! Por favor. Eu... tenho uma proposta para lhe fazer.

Suas sobrancelhas se ergueram, mas ela não sabia dizer se era interesse ou surpresa — Prossiga.

Ela tinha que aproveitar o momento. O repentino reaparecimento do medalhão foi um sinal, um lembrete de quão importante era honrar a memória de Andrew.

— Eu preciso de calor. Imediatamente.

Os lábios de Kit se contraíram, na sugestão de um sorriso maroto.

— Quero dizer, — Emma vociferou, certa de que ele estava prestes a interpretar mal suas palavras, com um significado muito mais escandaloso do que ela pretendia — preciso de uma *estufa*.

Ela pensou tê-lo ouvido murmurar - decepcionante - baixinho, mas não podia ter certeza.

Ele se sentou — Perdoe-me por ser franco, — disse, mais claramente — mas é uma herdeira. Se quer uma estufa, por que não construir uma?

— Não tenho tempo. Preciso disso agora, esta semana, para garantir que minhas orquídeas floresçam, a tempo de apresentá-las na reunião da Botanical Society, na primeira semana de janeiro. — enviou-lhe seu sorriso mais cativante — Ouvi falar muito bem da estufa de Ashford Court.

Seus olhos se estreitaram, enquanto ele parecia sentir o que estava por vir. Ela fez uma pausa, perguntando-se quanto oferecer, então decidiu ir com força.

— Eu lhe darei quinhentas libras, se me deixar colocar minhas plantas em sua estufa, pelos próximos dez dias.

Suas sobrancelhas se ergueram, e ela rezou para que fosse porque ele estava impressionado e não ofendido.

— Apenas dez dias. — disse apressadamente.

— No Natal. — ele rosnou — É quase véspera de Natal.

— Bem, sim. Lamento que o momento não seja o ideal. Mas se tiver convidados, prometo ficar fora do seu caminho. Mal saberá que estou lá.

Suas sobrancelhas baixaram — Não tenho convidados vindo. Gosto da minha solidão.

— Mil libras. — disse desesperada — Por favor. Por Andrew. Quero nomear essas novas orquídeas com o nome dele. — os olhos dela imploraram para que entendesse — Eu sei que ele se foi, mas… acho que, se eu fizer isso, uma parte dele vai viver. Essas coisas bonitas levarão seu nome, e toda vez que alguém nomeá-las, no futuro, lhe devolverão um pouco da vida.



Kit franziu a testa. Droga, que oferta ridícula! A última coisa que ele queria era essa bela distração invadindo sua casa e interrompendo a semana de festas e bebedeiras, que havia planejado.

Ainda assim, como poderia recusar? Suas propriedades, embora ainda lucrativas, sofreram com sua ausência e desatenção, nos últimos dois anos. Mil libras ajudariam muito a colocar as coisas de volta em equilíbrio. E ele *prometeu* que tentaria ser mais sociável...

Ela ainda o estava olhando com expectativa.

— Os gregos antigos acreditavam em algo semelhante. — Kit admitiu finalmente — Que um homem poderia ganhar a imortalidade, tendo seu nome falado em voz alta pelas gerações futuras. Os antigos egípcios diziam que *falar o nome do morto é fazê-lo reviver.*

Ela sorriu, aparentemente animada pelo fato de que ele entendia — Exatamente!

Ele suspirou — Oh, muito bem. Parto para Ashford Court pela manhã. Venha quando quiser. Mas lhe aviso, mantenho uma equipe esquelética, e dei, a maioria deles, a semana de folga, para estar com suas famílias. Não será o luxo ao qual está acostumada.

Ela riu, e o som aqueceu sua alma. Ele fez uma careta, só para provar que ela não o afetava nem um pouco.

— Acabei de passar seis meses vagando pelas selvas do Brasil e outras

seis semanas cruzando o Atlântico. — disse alegremente — Eu posso viver sem luxo, acredite. E quanto mais cedo, melhor, para minhas plantas. Eu o encontrarei em Ashford Court, amanhã.

Ela enviou-lhe outro sorriso brilhante e Kit reprimiu um gemido. Não reparar que ela estava lá? Ele teria que estar morto para não a notar. Querido Deus, no que ele se meteu?

CAPÍTULO 4

A viagem de Emma para Somerset transcorreu bem, apesar dos habituais atrasos que antecedem o Natal. Quando sua carruagem, finalmente, percorreu o caminho que levava a Ashford Court, tentou não ficar impressionada - e falhou. Andrew a descreveu várias vezes, mas sua imaginação não fez jus ao lugar. Havia algo particularmente acolhedor na fachada de pedra suave e no parque paisagístico, mesmo com a leve camada de neve que cobria o chão.

Esperava que o próprio Kit pudesse recebê-la, mas uma governanta educada e idosa levou-a ao seu quarto. Emma mal se incomodou em tirar o casaco e o chapéu, antes de descer a grande escadaria, para instruir o lacaio que estava descarregando suas plantas a colocá-las na estufa. Ela o seguiu por uma série de corredores, até que eles emergiram na estrutura infame, e ela não conseguiu conter seu suspiro de prazer.

— Ah, isso é *perfeito!*

O lacaio colocou suas cinco preciosas orquídeas em uma mesa de vasos, perto das portas, curvou-se e deixou-a explorar.

Emma olhou para cima. Uma teia vertiginosa de arcos e escoras de ferro se erguia acima, sustentando centenas de painéis de vidro. O ar estava quente e úmido. Nuvens de vapor saíam de uma grade de metal, em um canto, e quando mergulhou os dedos em uma das pequenas piscinas elevadas, que haviam sido construídas entre os enormes canteiros de flores, a água estava quente como a de um banho.

Perfeito.

— O calor vem do desvio de água, naturalmente quente, de uma nascente, não muito longe daqui. Como fizeram os romanos, em Bath.

Emma se virou surpresa; não tinha ouvido Kit entrar no local. A visão dele fez seu pulso vibrar de forma irregular, mas ela lhe enviou um sorriso amigável — Ah, milorde. Boa tarde. Eu estava apenas instalando minhas plantas em sua nova casa.

— Estou vendo.

—Pedi ao meu homem de negócios que lhe emitisse uma nota — ela disse rapidamente — Eu posso ir e...

Ele acenou com a mão — Mais tarde. Confio em você.

Ele gesticulou para que seguissem por um dos caminhos e Emma o acompanhou, mal conseguindo esconder sua alegria, ao ver tantas espécies familiares de plantas tropicais, prosperando nas condições abafadas. Certamente isso era um bom presságio para suas orquídeas.

— Este lugar é maravilhoso! Notei várias plantas que vi, da última vez no Brasil.

— Era o orgulho e a alegria do meu pai. Mas tem sido tristemente negligenciado nos últimos anos.

Enquanto estava se recuperando de sua prisão, Emma terminou em

silêncio.

Seu coração doía por tudo que ele havia sofrido. As notícias de sua convalescença chegaram até ela, mesmo no Brasil. Perguntou especificamente por ele, em suas cartas para casa e sua amiga, Heloise Hampden - por acaso casada com o bom amigo de Kit, William Ravenwood - que a manteve a par de seu progresso. Parecia que ele só havia recomeçado a vida em Londres recentemente.

Deveria se sentir lisonjeada por ele ter quebrado seu exílio autoimposto, para encontrá-la nas docas?

Não, ela estava lendo demais. Ele era um homem de palavra. Claro que iria querer cumprir a promessa ao seu irmão.

— Não tem interesse em botânica? — perguntou.

Ele encolheu os ombros — Algum. Eu, certamente, posso apreciar uma linda flor, mas não sou, nem de longe, tão apaixonado pelo assunto, quanto estou vendo que parece ser.— olhou para as orquídeas dela — Admito que acho difícil visualizar qualquer coisa florescendo de um emaranhado de raízes, tão pouco promissor.

Emma deu-lhe um olhar tímido — Elas vão florescer, agora que têm calor e luz adequados. Este nível de umidade é perfeito, embora eu tenha que ficar de olho. As orquídeas são notoriamente temperamentais. Uma vez que as flores apareçam, florescerão por várias semanas, antes que as pétalas caiam e voltem a um estágio adormecido novamente.

Eles pararam em frente a uma piscina muito maior que o resto. Ao contrário das outras, a superfície desta não estava coberta de lírios e outras plantas aquáticas, e Emma avistou um conjunto de degraus de pedra rasos, que desciam para ela.

— Oh! Uma piscina de banho! — exclamou em deleite — Que maravilha!

— Sim. O calor da água é extremamente eficaz para relaxar o corpo. Sinta-se à vontade para usá-la. É uma sensação maravilhosa flutuar no vapor.

Ela sorriu — Posso imaginar. A forma como a neblina paira sobre a água, me lembra as primeiras manhãs na Amazônia. Eu nunca nadei lá, é claro. Tinha muito medo de crocodilos. Mas teria gostado.

Ele passou a mão sobre a piscina, em um grande gesto — Então considere este um convite, para ganhar outra experiência única para adicionar à sua contagem. Juro que é livre de crocodilos.

— Obrigada.

Ele se virou e foi para a porta, então virou abruptamente — Lamento não poder jantar contigo esta noite, mas pedi à Sra. Bennington, minha governanta, para servi-la em seu quarto. Desejo-lhe uma noite agradável.

Emma observou sua retirada, com uma pontada de arrependimento. Ela teria gostado de jantar com ele. Sua reticência carrancuda a intrigou, embora pudesse entender que isso poderia resultar de seus maus-tratos durante a guerra.

Mas algo sobre ele a chamava. Sentiu o desejo mais ridículo de tentar aliviar seu espírito, tirá-lo da concha protetora, que parecia ter construído em torno de si mesmo. Seu coração batia mais rápido, cada vez que ele olhava em sua direção, e cada vez que o fazia sorrir, parecia que ela havia conquistado uma montanha ou atravessado um riacho, particularmente desafiador.

Deus, o homem poderia se provar perigosamente viciante.

Naquela noite, enquanto desfrutava de torradas e bolos, no quarto, junto a uma lareira crepitante, Emma foi provocada pela ideia dele, nadando naquela piscina quente. Como seria o seu corpo? O que ele usaria para nadar? Alguma vez nadou nu?

Um rubor, que não tinha nada a ver com o calor do fogo, a envolveu e ela se forçou a pensar em outras coisas. Coisas frias. Como se nevaria amanhã.

CAPÍTULO 5

Emma acordou com o silêncio inconfundível da nevasca e quando olhou pela janela de seu quarto quase gritou de excitação. Apesar de ter quase 24 anos, mantinha um fascínio infantil com algumas coisas - especialmente depois do calor exauriente da América do Sul.

Determinada a dar um passeio rápido e revigorante pelos jardins, vestiu suas botas mais robustas, meias grossas de lã e sua saia mais quente. Já tinha acabado, quando uma batida soou em sua porta.

— Ah, Sra. Bennington. — cumprimentou a governanta, com um sorriso caloroso — Isso é chá e torradas que espio?

— É madame.

— A senhora não precisava ter vindo até aqui. Eu estava prestes a descer.

— Oh, não é incômodo, mas lamento que não tenhamos uma criada para ajudá-la a se vestir. Bess e Sarah tiveram a semana de folga, para visitar as famílias, por isso estamos com escassez abaixo das escadas.

— Compreendo perfeitamente. Sua senhoria não esperava visitantes. Tenha certeza de que sou bem capaz de atender às minhas próprias necessidades. Apenas finja que não estou aqui.

A governanta retribuiu o sorriso — Sim milady.

Enquanto tomava seu café da manhã, Emma, mentalmente, parabenizou Kit por ser um empregador atencioso. Muitas casas aristocráticas recebiam prodigamente nesta época do ano, e os pobres criados mal tinham um momento para si.

Os jardins formais provaram ser uma delícia, e ela se esgueirou alegremente pela neve, esquivando-se de galhos baixos. Um pedaço de floresta mais selvagem crescia a uma curta distância do labirinto, e ela foi naquela direção, sua atenção atraída pela vegetação, brotando no meio do galho de um robusto carvalho. Como todas as folhas do carvalho haviam caído, a nuvem de visco era fácil de detectar.

Parou ao pé do tronco e olhou para cima, as mãos plantadas nos quadris.

Como alguém que passou muito tempo correndo ao redor do cordame dos navios de seu pai - seus navios agora, desde a morte de seus pais e Andrew - os galhos do majestoso carvalho ofereciam pouco desafio.

Erguendo as saias, começou a subir. Tinha acabado de chegar ao galho onde o visco crescia, quando um grito abaixo quebrou sua concentração.

— O que, diabos, pensa que está fazendo?

Emma sorriu. Kit estava olhando para ela ao pé da árvore.

— Meu Deus, mulher, está louca? Vai cair para a morte!

— Estou perfeitamente bem, mas obrigada. — respondeu alegremente — E Feliz Natal. Estou só pegando um ramo de visco para sua casa. Não pude deixar de notar a falta disso em suas decorações festivas.

Ele estremeceu com a referência sarcástica dela. Além de uma coroa de azevinho na porta da frente, suas '*decorações festivas*' eram praticamente inexistentes. Ela escondeu um sorriso. Provocá-lo era delicioso.

— Andrew me disse que era um gênio em se meter em encrencas, Emma. — rosnou — Estou começando a entender o que ele quis dizer.

Emma quase perdeu o equilíbrio no galho — Falava com Andrew sobre mim?

— Claro. Passamos seis meses dividindo uma cela. Compartilhamos histórias de vida.

Ela arriscou um olhar para ele e ficou alarmada ao ver um sorriso maroto cruzar seu rosto.

— Ele me contou *todas as* suas histórias de infância mais embaraçosas.

A mortificação trouxe um rubor às bochechas dela.

— Eu adorava ouvi-las. — admitiu — Nunca tive uma irmã. E ele te amava muito.

A garganta dela se apertou de emoção, e ela tossiu para disfarçar, então se ocupou em arrancar um punhado de raminhos do visco. Começou a descer, tomando cuidado para não esmagar as bagas brancas pegajosas contra sua pele.

— Visco e orquídeas têm algo em comum, sabe? — gritou — Ambos são epífitas.

— Não faço ideia do que isso significa.

— Parasitas. — ela riu — Ambos crescem em outra árvore, recebendo umidade da chuva e se alimentando das folhas em decomposição do hospedeiro.

— Isso não é ruim para a árvore?

— Nem um pouco. Eles não pegam nada, nem prejudicam de forma alguma.

— Espero que, como *seu* anfitrião, também não vá me prejudicar. — brincou ele — Ou roubar qualquer coisa.

Ela bufou com a leviandade dele — Como se eu pudesse machucá-lo. Tem o dobro do meu tamanho.

Infelizmente, ela cometeu o grave erro de olhar para baixo e se distraiu com a largura impressionante de seus ombros e o brilho em seus olhos. Quando ela pegou um galho coberto de neve, seus dedos escorregaram e ela caiu direto na direção dele, com um grito horrorizado.

Ele ergueu os braços para pegá-la, e a próxima coisa que percebeu foram os dois esparramados no chão sob a árvore em um emaranhado de galhos desajeitados.

— Oof! — ele grunhiu.

Emma corou e tentou se levantar, mas suas saias estavam dobradas em torno de seus joelhos e suas pernas estavam entrelaçadas, enquanto ela o montava. O peito dela estava colado ao dele, e os músculos duros de seu abdômen flexionaram sob as palmas das mãos dela, enquanto ela os deslizava

para um lugar em que pudesse se erguer.

Quando, finalmente, ficou de pé, cambaleando, fez um grande show ao escovar a neve de suas saias, para esconder sua mortificação. Kit rolou para o lado e ficou de pé, rindo, enquanto limpava também a lama gelada de seu casaco. Ele se inclinou e pegou os ramos de visco espalhados e entregou a ela o ramalhete, com uma reverência zombeteira.

— Seu buquê, madame.

Emma o aceitou com um sorriso irônico — Obrigada. Normalmente não sou tão descuidada. O gelo a deixou mais escorregadia do que eu esperava.

Ele olhou para a bola de visco restante, crescendo diretamente acima deles e enviou-lhe um sorriso maroto — Essa é a segunda vez que arrisquei a vida e os membros para salvá-la de um perigo certo. — ergueu as sobrancelhas em uma sugestão atrevida — Por que não honra a tradição e me recompensa pelo meu incômodo?

Deu um tapinha na bochecha, indicando onde ela deveria beijá-lo.

O calor subiu por seu pescoço, até o topo de suas orelhas, mas seu coração disparou em apreciação por este novo jogo de paquera. Ela sonhou em beijar Kit por anos.

— Muito bem. Obrigada por me salvar. Novamente.

Equilibrando-se na ponta dos pés, ela deu um beijo casto na bochecha dele.

Seus lábios formigaram. A pele dele era fria e levemente texturizada, com a barba matinal, e seu estômago deu uma cambalhota ao sentir o cheiro delicioso de sua colônia.

Assim que ela disse a si mesma para se afastar, ele virou a cabeça, e a exalação quente de sua respiração caiu sobre seus lábios. Ela congelou, mal se atrevendo a respirar. E então os lábios dele roçaram os dela – uma pergunta hesitante e silenciosa – e Emma não pensou. Ela virou a cabeça e se inclinou para ele, fundindo suas bocas.

Seu grunhido baixo de satisfação reverberou através dela. Seus lábios se moveram nos dela, saboreando, mordiscando, mesmo quando suas mãos enluvadas subiram para segurar a parte de trás de sua cabeça.

Seus joelhos quase cederam. *Ela estava beijando Kit Carlisle!* E foi *glorioso.*

Quando ela separou os lábios para inspirar, ele aproveitou ao máximo; sua língua deslizou para dentro e tocou a dela. Chocada, mas intrigada, Emma lançou sua própria língua para roçar a dele, e, no momento em que o fez, o beijo se tornou selvagem. Ele a beijou de novo e de novo. Varreduras profundas e lânguidas de sua língua, como se não conseguisse o suficiente de seu gosto, como se desejasse consumi-la.

Encantada, Emma agarrou as lapelas de seu casaco e o beijou de volta, com todo o desejo reprimido em seu coração. Uma dor baixa e profunda latejou em sua barriga e entre suas pernas.

Justo quando pensou que poderia desmaiar de prazer, ele afastou sua

boca da dela. Suas mãos caíram de sua nuca e ele deu um passo para trás.

— Deus, Emma, me perdoe...

— Não *ouse* desculpar. — repreendeu-o, sem fôlego.

Ele olhou para ela com surpresa — Eu não deveria ter feito isso.

— Não, suponho que não. — deu-lhe um sorriso irônico — Mas estou feliz que o tenha feito.

O pobre homem parecia como se ela tivesse batido na cabeça dele com uma barra de ferro. Seu sorriso se alargou ainda mais.

— Como primeiro beijo, foi adorável.

Seu queixo caiu — Esse foi seu primeiro beijo?

— Foi. — admitiu alegremente — Pelo menos, o meu primeiro *adequado*. Não tinha ideia de que as pessoas faziam isso com a língua.

Ele balançou a cabeça, ainda parecendo atordoado. — Mas... Como isso é possível? Tem vinte e três anos, pelo amor de Deus.

— Eu sei quantos anos eu tenho. E é totalmente possível. Eu mal estive na Inglaterra, desde que eu tinha dezenove anos. Ficaria surpreso com a falta de potenciais pretendentes que existem do outro lado do mundo.

— Mas…

Seu olhar parecia fixo em sua boca, como se ele estivesse pensando em beijá-la novamente, só para garantir. Emma esperava que fizesse exatamente isso, mas, para sua decepção, ele se virou e passou as mãos distraidamente pelo cabelo.

— Quando Andrew me pediu para *cuidar de você*, duvido muito que fosse isso que ele quis dizer — rosnou.

Seu coração se contraiu com o remorso e a autorrecriminação em seu tom. — Ele lhe pediu isso?

— Sim.

Ela sorriu, embora um pouco triste — Ele sempre foi o melhor dos irmãos. Mas, por favor, não pense que tem algum tipo de responsabilidade por mim agora. Andrew não teria essa intenção. Tenho certeza de que ele só queria que ficasse de olho em mim.

— Hmmm. — o rosnado de Kit foi suficiente para transmitir sua discordância.

Ele foi em direção à casa, e ela levou um longo momento para alcançá-lo.

Quando, finalmente, arriscou um olhar para ele, considerou prudente ignorar o que tinha acabado de acontecer, já que ele parecia claramente determinado a esquecê-lo.

Ela esfregou o braço com uma carranca — Acho que machuquei meu cotovelo.

— Acho que machuquei mais que meu cotovelo. — ele esfregou o traseiro — Vou ficar preto e azul, amanhã.

Emma forçou os olhos para longe da visão de sua grande mão acariciando seu traseiro bem torneado. O homem não tinha o direito de ficar

tão bem em calças.

Ela limpou a garganta, enquanto se aproximavam da casa — Preciso me trocar e depois verificar minhas plantas. — fez uma breve reverência para ele — Bom dia.

Por mais que preferisse evitar Kit pelo resto do dia, ele estava na estufa quando ela, finalmente, voltou para o andar de baixo. Ela foi direto para suas cinco orquídeas restantes e se ocupou em verificar a umidade do solo.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

Ela pegou um pequeno jarro da mesa de vasos e uma medida de água morna da piscina mais próxima — Eles não precisam ser regados até que estejam quase secos. Se ficarem muito molhados, apodrecem. É por isso que tantos deles morreram na travessia do Atlântico - estava úmido demais para eles no navio.

— Ah.

Emma acariciou uma folha brilhante — Mas isso é um bom sinal, de que estão melhorando. Veja, como se tornam um belo verde brilhante? Isso significa que estão recebendo luz do dia suficiente. Estavam muito mais escuros quando cheguei.

Kit se moveu para ficar em seu ombro e ela tentou não se aquecer com sua proximidade. Ou pensar na sensação dos lábios dele nos dela.

— Estou feliz por estarem prosperando neste ambiente. — disse — Parece que tem um toque mágico. Talvez haja algo em sua presença, que os faça querer viver?

Ela olhou de lado para ele, incapaz de dizer se estava falando sério ou não — Acho que não há nenhuma mágica em particular nisso. Apenas cuido deles e lhes dou o que precisam.

Por acaso se *sente melhor na minha presença?* Ela queria perguntar. *Eu faço com que queira viver? Ganhar vida?*

De onde vieram esses pensamentos tolos?



Kit olhou para o perfil requintado de Emma e engoliu a admissão que estava se formando em sua língua. Como poderia explicar que se sentia como aquelas suas orquídeas? Que esteve em seu próprio '*estágio adormecido*', nos últimos dezoito meses, mas... talvez ela o estivesse persuadindo a florescer novamente?

Sua provocativa sugestão de que o beijasse sob o visco tinha sido impulsiva, um pouco divertida, mas, no momento em que ela se aproximou, tudo o que conseguia pensar era saber o gosto de seus lábios, a sensação dela em seus braços.

Beijá-la tinha sido uma revelação.

Não era a primeira mulher com quem esteve em contato, desde sua recuperação, mas foi a primeira a, realmente, despertar seu interesse - e seu corpo. O desejo, denso e escuro, pulsava em sua corrente sanguínea, reacendendo paixões que pensava estarem mortas há muito tempo.

Queria beijá-la aos dezesseis anos, quando visitou seu irmão, durante os intervalos da escola. Agora, aos vinte e cinco anos, queria levá-la para a cama e mostrar-lhe todos os prazeres que podem existir entre um homem e uma mulher.

Não era apenas seu corpo físico que desejava, no entanto. Ele admirava seu otimismo incansável e sua sede de vida. Sua presença vital havia ressaltado o quão estagnado permitiu que sua própria vida se tornasse, quão monótona e sem cor.

Ele queria viver novamente. Não apenas para existir, mas para se expor ao mundo. A todos os altos e baixos que tinha para oferecer, apesar dos riscos.

Dois dias na companhia de Emma, e estava perigosamente perto de declarar seu amor eterno. Ele nunca havia pensado seriamente sobre seu futuro antes - parecia que estaria tentando o destino, imaginá-lo na prisão - mas, agora, todo um panorama de possibilidades estava se abrindo à sua frente.

Casar-se parecia igualmente improvável. Apesar da união feliz de seus amigos - Nic com Marianne, Raven com Heloise e Richard com Sabine - nunca acreditou realmente que tal coisa pudesse acontecer com ele. Mas Emma Townsend virou sua vida de cabeça para baixo.

Andrew tinha sido o melhor dos homens, e sua irmã foi cortada do mesmo tecido. Atenciosa, gentil. Destemida. O pensamento de estar permanentemente ligado a ela não era tão impossível de contemplar.

Kit bufou baixinho. A principal falha desse plano, é claro, era que Emma não estava com pressa de se estabelecer. Como uma herdeira rica, com pouco interesse em se curvar às regras da sociedade, ela tinha o luxo de poder ir aonde quisesse e fazer o que quisesse.

Partiria para sua próxima aventura, assim que convencesse a Sociedade Botânica a reconhecer sua última descoberta.

Ainda assim, ele podia desfrutar da companhia dela, pelo pouco tempo que tinham juntos. Amanhã era dia de Natal e, apesar de ter sido convidado para passar o dia com seus três amigos e suas esposas, estava feliz por ter recusado.

Ele teria Emma só para ele.

CAPÍTULO 6

O dia de Natal amanheceu cinzento e frio, e Emma teve uma ideia perversa, enquanto olhava para a paisagem congelada. Seu corpo doía em vários lugares, por causa da queda da árvore, e quando o frio penetrou por entre as vidraças da janela, a atração de um banho relaxante na piscina quente era forte demais para ser ignorada.

A casa estava com poucos criados e era muito cedo para o próprio Kit estar acordado.

Vestiu o roupão, pegou um linho de banho fresco e desceu as escadas. Agora conhecia o caminho para a estufa.

O lugar parecia mágico, como uma exótica catedral verde, quando passou pelas portas duplas. Gavinhas de vapor giravam e deslizavam sobre a superfície da água, brincando em correntes invisíveis. O ar que sugou em seus pulmões estava quente e úmido; as gotículas cobriram seu pescoço e rosto, como orvalho.

A condensação havia tornado as centenas de painéis de vidro opacos, adicionando mais uma sensação de privacidade. O cheiro de terra úmida e vegetação fecunda despertou algo dentro dela, algo básico e primitivo, uma conexão com a terra e a incrível e exuberante generosidade que produzia.

Enquanto caminhava para a beira da piscina, debateu se deveria manter sua camisola de algodão por modéstia, então decidiu não fazê-lo. Queria conhecer a sensação decadente da água, completamente livre de roupas.

Descartando-a, começou a descer os degraus e um suspiro de puro êxtase escapou dela, quando o calor d'água penetrou em seu corpo, das canelas, joelhos, coxas. Quando chegou ao último degrau, a água estava até a cintura e ela afundou até os ombros, com um gemido de prazer.

Ah, isso era divino! Se decidisse voltar para a Inglaterra permanentemente, teria que pensar em instalar algo assim em sua residência em Londres. Ou, quem sabe, comprar uma casa em algum lugar, aqui em Somerset? Perto do Kit.

Encantada com o pensamento, pegou um pouco de água nas mãos e deixou escorrer pelos braços, depois se deitou e se permitiu flutuar. Sua mente vagou para a fantasia pecaminosa de Kit, ali com ela; a água lambendo seus seios e coxas eram suas mãos, deslizando sobre ela, em uma carícia pecaminosa.

Suas bochechas coraram ainda mais.

Após dez minutos de imersão, lamentavelmente deixou a água. Não seria bom ser encontrada nadando nua. Apertou os cabelos e se secou, depois vestiu o roupão e voltou para o quarto.



No momento em que ouviu a porta se fechar atrás de Emma, Kit caiu para trás, contra o banco de ferro, e soltou uma expiração lenta e calmante.

Querido Deus, não pretendia espionar seu banho. Estava terminando sua rodada diária de exercícios, quando ela passou pela porta. Como ele estava sem camisa e suado, não quis alarmá-la, então se escondeu atrás de uma moita de folhagens, supondo que ela, simplesmente, verificaria suas preciosas plantas e depois sairia.

Em vez disso, no entanto, ficou congelado na imobilidade, quando ela deslizou para fora de seu roupão e puxou a camisa sobre a cabeça.

A visão de seu corpo nu quase o deixou de joelhos. Ela era linda, como uma deusa dourada ou uma ninfa da água, mítica. Uma sereia, que poderia tentar um homem de bom grado, para seu túmulo aquático.

Observá-la era tão errado. Mas mesmo quando Kit se repreendeu como o pior tipo de canalha, não conseguia parar de beber dela. Era a perfeição. Membros lisos e arredondados, seios doces, com mamilos rosa escuro nas pontas. Cintura e quadris tão curvos e convidativos. Cerrou os punhos contra a necessidade de tocá-la. Para ver se sua pele era tão macia e deliciosa como parecia.

Quando deslizou na água e gemeu de prazer em voz alta, ele quase perdeu a cabeça. Gotas brilhavam sobre seus ombros e perolavam suas bochechas e sua pele tinha um tom rosado encantador pelo calor. Kit engoliu em seco, rezando para que ela fosse embora e acabasse com seu tormento... enquanto, simultaneamente, esperava que o momento nunca acabasse.

Depois que ela finalmente saiu, sentiu seu corpo relaxar mais uma vez. Um sorriso irônico esticou seus lábios. Ele não poderia ter imaginado um presente de Natal melhor. Exceto que estivesse nua em sua cama.

CAPÍTULO 7

Mais tarde naquela manhã, Emma verificou suas plantas e ficou encantada ao ver que, pelo menos, dois dos botões haviam se aberto em flores. Quando Kit entrou na estufa, pouco depois, cumprimentou-o com um sorriso eufórico.

— Olhe! Estão começando a florescer! Venha e veja.

Ele se aproximou e ela tentou esconder seu rubor. Ele, realmente, era o homem mais bonito. Forçou-se a se concentrar na tarefa em mãos.

Cada flor tinha cinco pétalas externas pontiagudas, roxas nas bordas externas e quase brancas no centro. Uma '*trombeta*', de ametista mais escura, crescia no meio, cuja superfície inferior fazia beicinho, como um lábio. Um rastro de branco, amarelo e laranja entrava na garganta da flor; um convite para que os insetos polinizadores entrarem.

— Tenho certeza de que esta é uma nova espécie. — disse alegremente — Parte do gênero *oncidium*, só que nunca ouvi falar de um com pétalas de lavanda assim, nem com essa ponta de babado no trompete. Encontrei-as no norte do Brasil, perto de Pernambuco, mil milhas ao norte do Rio de Janeiro.

Kit ergueu as sobrancelhas — Eu espero que esteja certa. Eu mesmo nunca estive na América do Sul.

Deu-lhe um olhar de soslaio — Nunca pensou em ir?

— Seria uma grande aventura. Para ser honesto, depois da minha prisão, não pensei que gostaria de ir a qualquer lugar novamente, mas conseguiu me fazer lembrar que há um mundo inteiro lá fora, esperando para ser explorado. Se apenas se tiver coragem.

Seu coração se encheu com o elogio — Bom. Estou feliz. — deu-lhe um sorriso atrevido — Sabe, estou sempre à procura de marinheiros corpulentos. Além disso, sabe como lidar com uma arma. Talvez deva considerar uma nova carreira, como aventureiro. Ou como um guarda-costas pessoal?

Seu coração batia forte quando ele a olhou. Agora que expressou a ideia em voz alta, percebeu o quanto gostava disso. Como adoraria ter a companhia de Kit em uma de suas aventuras. Ele era forte, mal-humorado, rude e doce, apesar de seu tamanho e comportamento feroz, e tinha uma incrível capacidade de fazê-la se sentir segura.

A intensidade de seu olhar aqueceu suas bochechas e ela desviou o seu, de repente constrangida.

— Vou considerar seriamente. — disse ele.

Aturdida, Emma se inclinou e cheirou a flor mais próxima, então recuou, surpresa — Ah, tem aroma! Eu não fazia ideia! Agora tenho *certeza* de que é uma nova espécie. As orquídeas raramente têm perfume, mas esta cheira a rosas.

Kit se curvou e inalou, perto da segunda flor — Tem razão.

— Veja, é por isso que amo orquídeas. — Emma riu alegremente —

São como as pessoas. Não há duas exatamente iguais.



Kit olhou para a planta à sua frente e, depois, de volta para Emma. A imagem dela, nua e rosada pela piscina, cobriu sua visão e se percebeu paralisado por seus olhos, sua boca. Seu lábio inferior, cheio, tinha a mesma sugestão de um beicinho, como aquela orquídea.

Ele ficou duro.

Ela, no entanto, estava alegremente inconsciente de seus pensamentos lascivos e enviou-lhe um sorriso amigável e aberto.

— Sabia que cada tipo de orquídea atrai seu polinizador particular? Alguns atraem abelhas, enquanto outros precisam de outros tipos de insetos. Isso significa que há uma enorme variedade de aparência entre os diferentes tipos.

Kit mal conseguiu grunhir, e ela continuou.

— Gosto de pensar que isso vale para as pessoas também. Que todo mundo tem algum aspecto de seu caráter, ou aparência, que atrai uma pessoa específica para eles. Que há alguém lá fora para todos. Uma combinação ideal, por assim dizer. Nós só temos que encontrar o caminho certo.

Ela estava olhando para ele, com um otimismo tão brilhante, que Kit se sentiu um pouco tonto. Não tinha ideia de onde ela estava indo com essa conversa, mas seu coração estava batendo forte. Ela estava sugerindo que os dois *poderiam* ser a combinação perfeita um para o outro?

Não, certamente estava interpretando mal suas palavras. Ouvindo coisas que ele queria ouvir.

Ele se endireitou e curvou-se desajeitadamente, mantendo as mãos estrategicamente na frente de sua virilha, para esconder a evidência de sua proximidade — Vou falar com a Sra. Bennington sobre o jantar de Natal. Com licença.

CAPÍTULO 8

Apesar do fato de serem apenas os dois, para o jantar de Natal, Emma teve um momento maravilhoso. Fitzwilliam, o lacaio solitário que ajudou a descarregar suas plantas, no dia em que chegou, parecia ser o único criado presente, mas manteve a taça de vinho cheia e apresentou uma variedade estonteante de pratos, preparados pela Sra. Bennington.

Talvez fosse o excelente vinho afrouxando sua língua, mas a conversa fluiu facilmente entre ela e Kit, enquanto compartilhavam histórias de suas aventuras. Ele descreveu alguns incidentes divertidos que teve na Espanha, antes dele e Andrew serem capturados, enquanto Emma o fazia sorrir, ao contar a vez que um macaco invadiu sua cabine, abriu seu baú de roupas e roubou um de seus chapéus favoritos.

No momento em que um pudim de Natal flamejante foi colocado na mesa, entre eles, com as chamas de conhaque aquecidas, piscando em azul e laranja, ela decidiu que era hora de revelar seu problema final. Kit deu-lhe a abertura perfeita.

— Então, agora que conseguiu arrancar flores de suas plantas com sucesso, suponho que esteja pronta para voltar a Londres e apresentá-las aos cavalheiros da Sociedade Botânica?

Emma brincou com seu copo, de repente nervosa — Bem, quanto a isso, há um *pequeno* assunto em que ainda preciso de sua ajuda.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— A Sociedade está esperando um D. Townsend para apresentá-las a eles.

— E?

Emma decidiu confessar — Eles acham que o D significa David.

Kit pousou o copo com um baque — Acham que é um *homem*?

— Temo que sim. Mas tem que entender que era a única maneira que eu poderia fazer com que eles me levassem a sério. Eles não permitem que as mulheres se tornem membros. E assim, toda vez que eu lhes enviava um relatório de campo, com meus desenhos e anotações, eu usava o nome fictício de David Townsend.

O rosto de Kit estava impassível — David era o nome do meio do seu irmão.

— Sim. Era.

Ele apertou a ponte do nariz — Então eles acham que esse sujeito, David Townsend, vem apresentar essas novas orquídeas, na reunião da próxima semana. O que vai fazer?

Emma lhe deu seu sorriso mais cativante — Esperava poder *persuadi-lo* a apresentá-las por mim.

— Não seja ridícula! Posso não ter estado muito na sociedade, nos últimos dois anos, mas há dezenas de pessoas que me reconhecerão. Joguei

cartas com metade dos homens que compõem a *Botanical Society*. Não posso me passar por um botânico chamado Townsend.

Emma estendeu a mão e tocou sua manga. — Não estou pedindo para que finja ser outra pessoa além de quem é. Pode, simplesmente, dizer que é o benfeitor de David Townsend e que ele está doente. Podemos inventar alguma doença tropical ou algo assim. Ele estará doente demais para comparecer, então lhe confiou a apresentação de sua descoberta.

— Quer que eu minta. — disse ele sem rodeios.

Ela correu para explicar, odiando a desaprovação em seu tom — Uma pequena mentira, por uma causa excelente. Mesmo que não se importe com o avanço da ciência, faça isso por Andrew. Isso permitirá que seu nome fique na história, imortalizado em uma planta.

Ele abriu a boca, mas Emma o interrompeu, determinada a convencê-lo.

— Acha que eu gosto? — rosnou — Eu não. É monstruosamente injusto. Eu fiz todo o trabalho, mas nunca receberei nenhum crédito. A única coisa que posso fazer é garantir que meu sobrenome - o compartilhado com meu irmão - fique ligado a essas plantas. — ergueu o queixo e deu-lhe um olhar direto — Isso terá que ser o suficiente.

— Tem certeza de que as mulheres não podem se juntar à sociedade?

— Li as regras e, embora não *especifiquem* o impedimento das mulheres, de se tornarem membros, tenho poucas dúvidas de que minha aparência seria vista sob uma luz muito negativa. Não quero que meu gênero seja a razão pela qual minha descoberta não seja aceita.

Ela suspirou, e sua raiva se dissipou em algo mais próximo de uma resignação cansada — Eles não tiveram nenhum problema com os papéis que enviei, no ano passado. São muito teimosos para reconhecer que uma mulher pode, realmente, ser igual a eles, em termos de intelecto e habilidade científica.

Kit ficou quieto por um longo momento, e Emma arriscou outro olhar para ele — Se eu posso aceitar que devo esconder minhas conquistas atrás de um nome fictício, então, certamente, poderá se levantar e falar com um monte de seus colegas, por dez minutos ou mais

Ele tomou um gole profundo de seu vinho, e ela esperou sua resposta, com a respiração suspensa.

— Não é um pedido irracional. — disse lentamente, como se escolhesse as palavras com cuidado — É que, desde a minha prisão, não gosto de grandes multidões. Eu acharia muito desconfortável ser o centro das atenções, em algum lugar como a *Botanical Society*.

— *Oh.*

Sua admissão inesperada roubou o vento de suas velas. Só um homem forte poderia admitir uma fraqueza, mesmo para si mesmo. Exigia ainda mais força para revelá-lo a uma mulher.

Sua honestidade era absolutamente cativante. *Maldição.* Ela não queria forçá-lo a reviver qualquer experiência dolorosa. Mas a quem mais poderia

pedir?

— Lorde Wellington disse, uma vez, que tinha duas regras para falar em público. — continuou Kit — Um; nunca tome assuntos sobre os quais não sabe nada e, dois; sempre que possível, evite citar latim. Está me pedindo para fazer as duas coisas.

— Não o latim...

Kit ergueu as sobrancelhas — Ouvi meu pai falar de plantas tempo suficiente para saber que todas elas têm nomes latinos longos e impronunciáveis. Qual é o nome que quer para sua nova flor? Algo prolixo, aposto.

Emma torceu o nariz, em um esforço para não rir de seu palpite certeiro — Bem, sim. Quero que se chame *Oncidium Townsendiae Purpurea.* Mas isso significa apenas Townsend oncidium roxa. É muito simples de dizer, na verdade. — deu-lhe outro olhar suplicante do outro lado da mesa.

— Não sei nada sobre orquídeas.

— Eu o ajudo. Vou lhe dar notas detalhadas e lhe dizer tudo o que precisa falar. Pode fazer isso Kit. Ajude-me. Por favor.

Seu suspiro veio das profundezas de sua alma — Ah, tudo bem.

Emma bateu palmas, enquanto o triunfo a enchia — Sim! Obrigada! Esse é o melhor presente de Natal que eu poderia ter desejado.

Por alguma razão, o comentário dela trouxe um rubor em suas bochechas e ele tomou um gole rápido de vinho, mas Emma estava muito feliz com sua concordância, para ponderar o porquê.

— A próxima reunião da sociedade é daqui a três dias. Há muito tempo para praticar o que tem a dizer, antes de voltarmos para Londres.

CAPÍTULO 9

Emma atravessou a casa silenciosa, com um profundo sentimento de melancolia. Sentiria falta de seus mergulhos matinais, quando voltasse para Londres, no dia seguinte. Gostava muito de tudo em Ashford.

Inclusive seu dono.

Ela e Kit passaram várias horas repassando o discurso que ele faria na *Botanical Society*. Apesar de suas dúvidas, ela estava confiante de que ele se sairia admiravelmente bem.

Na tarde de ontem, Kit a levou em um passeio pelos terrenos, mostrando-lhe os lugares que ele percorreu com Andrew, quando seu irmão o visitou. Os dois compartilharam inúmeras reminiscências agridoces, junto com uma risada ou duas, sobre algumas das memórias mais engraçadas.

Quando o lago congelou, eles até foram patinar no gelo. Emma se emocionava cada vez que Kit pegava sua mão, ou agarrava sua cintura para firmá-la. Secretamente, esperava que a beijasse novamente, e embora uma inegável tensão ondulasse entre os dois, ele manteve uma distância cavalheiresca.

Ele provavelmente pensou em seu beijo, no visco, como um erro, mas Emma sabia que o apreciaria como uma de suas melhores lembranças.

Quando chegou a estufa, deslizou pela porta de vidro. Antecipação corria por suas veias, enquanto imaginava a maravilhosa sensação de água quente contra sua pele. A sala estava tão cheia de vapor, que era impossível ver de uma ponta à outra, e um inesperado respingo de água a fez correr atrás do arbusto mais próximo.

Alguém a havia vencido!

Seu coração começou a bater forte. Era *Kit?*

Andando na ponta dos pés, para uma visão melhor, espiou através das folhas verdes frondosas. Sua respiração ficou presa na garganta, quando Kit emergiu da água ondulante, e seus olhos se arregalaram, quando sua cabeça, ombros e costas apareceram lentamente.

Querido Deus, ele era magnífico. Como Tritão ou Poseidon.

Os músculos de seus braços flexionaram, quando empurrou os cabelos molhados para trás de seu rosto, e Emma mordeu os lábios pela largura de seus ombros e pela forma como suas costelas se estreitavam até a cintura fina. A água, muito inútil, parava ali; deu uma olhada tentadora nas marcas na base de sua espinha e o mero vislumbre de nádegas redondas e tensas, quando ele se moveu.

Ela soltou um suspiro lento e medido.

Então ele se virou.

Oh senhor. Calor brilhou sobre sua pele.

A água escorria sobre suas clavículas e descia pelos planos perfeitamente esculpidos de seu peito. Seu abdômen era sulcado de uma

forma, que fazia seus dedos coçarem, para traçar cada ondulação perfeita. Uma linha intrigante de pelo escuro se projetava para o sul de seu umbigo e desaparecia abaixo da linha d'água, provocando-a com o que ela não podia ver.

A boca de Emma ficou seca. Embora tivesse visto inúmeros marinheiros e ajudantes das docas sem camisa, em suas viagens, nunca havia visto um homem totalmente nu antes. Com base no que ela *tinha* visto, nenhum deles se comparava a Kit.

Heloise dissera que Kit estava quase morrendo de fome, quando Raven o resgatou na Espanha, mas não havia sinal de tal privação, agora. Era um homem em seu auge, glorioso de se ver.

E ela queria ver mais.

Ele afundou de volta na água e nadou preguiçosamente, até a extremidade oposta da piscina. Quando ele mergulhou de volta, Emma viu sua chance. A pilha de suas roupas descartadas - camisa e calções - estava ao seu alcance, em um dos muros baixos de pedra. Antes que ele pudesse ressurgir, ela disparou para frente, agarrou-os e mergulhou atrás da palmeira.

Teve que morder o lábio para abafar sua risada de prazer. Havia pregado a mesma peça em Andrew, inúmeras vezes, quando eram crianças, nadando no lago. Kit precisava de um pouco de provocação em sua vida. Ele estava muito sério.

Cinco minutos depois, sua paciência foi recompensada. Kit ergueu-se na piscina e subiu lentamente os degraus. Jatos de água escorriam dele, acariciando sua pele. Mesmo pensando que só podia vê-lo por trás, sua risada morreu. Todo o seu corpo foi revelado, de nádegas arredondadas, coxas fortes e panturrilhas magras e musculosas.

E então ele se inclinou e pegou um linho de banho que ela não tinha notado ao lado, e ela fez beicinho de frustração. Ele se enxugou, sem pressa, e Emma suspirou quando enrolou o linho em volta da cintura e o prendeu na frente, escondendo seu traseiro glorioso da vista.

Viu o momento exato em que ele percebeu que suas roupas haviam sumido. Ele olhou de um lado para o outro, então se inclinou e procurou pelo chão, como se esperasse que tivessem caído em algum lugar.

Uma gargalhada, completamente espontânea, escapou de sua boca. Ela colocou a mão sobre os lábios, mas era tarde demais. Kit congelou, mas, em vez de se virar para confrontá-la, colocou as mãos lentamente nos quadris.

— Eu acredito que um duende de jardim travesso esteve aqui e roubou minhas roupas. — rosnou.

Seu tom era uma emocionante combinação de ameaça e diversão e Emma mal reprimiu outra risada.

— Gostaria de saber onde ela poderia estar?

Ele, finalmente, se virou, dando-lhe outra visão maravilhosa de seu peito e pernas, projetando-se abaixo do lençol. Emma rezou para que o nó do tecido falhasse, para que ela pudesse vislumbrar a parte de sua anatomia que estava

causando a protuberância intrigante entre suas pernas, mas o tecido parecia terrivelmente seguro.

Decepcionante.

Kit caminhou em sua direção. Ela se abaixou mais, seu estômago torcendo, em uma mistura de pavor e excitação. Ele estava quase em cima dela, prestes a descobrir seu esconderijo, quando ela soltou um grito e ficou de pé.

— Aha! — ele se lançou para frente, com um rugido, e agarrou sua camisola, mas ela foi rápida demais. Ela jogou a camisa e as calças dele, acertando-o bem no rosto, e usou sua cegueira momentânea para passar por ele.

— Sua pequena malvada!

Ela correu para a entrada, com um grito estrangulado.

Quando alcançou a porta, percebeu que ele não estava em perseguição. Sem fôlego, tanto pela visão de sua nudez quanto pela corrida, parou e se virou, uma mão na maçaneta da porta. Encontrou-o balançando a cabeça, com um sorriso relutante em seu rosto bonito.

— Andrew disse que estava sempre pregando peças nele. Vejo que não perdeu o talento.

Suas bochechas estavam em chamas, mas Emma enviou a ele uma mesura atrevida — Muito obrigada. Gosto de agradar.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula e seus dedos ficaram brancos em sua camisa. Seu olhar quente a varreu da cabeça aos pés e a pele de Emma formigou em resposta.

— Oh, me agrada muito, Srta. Townsend. — murmurou — Me agrada muito mesmo.

Emma não sabia o que dizer. Parte dela queria voltar para o outro lado da sala, jogar-se contra seu corpo ainda úmido e exigir que a beijasse novamente. Ela quase respondeu: "*Por acaso gostaria de me agradar?",* mas não teve coragem.

Estava brincando com fogo, provocando-o assim. Poderia se machucar tão facilmente, se não fosse cuidadosa. Mas oh, como ela queria queimar.

Um silêncio constrangedor desceu, até que ele limpou a garganta e se virou — Aham. Presumo que desceu aqui para tomar banho? Se me der cinco minutos, sairei do seu caminho.

Emma assentiu — Sim. Claro.

Não o viu pelo resto do dia, para sua decepção.

CAPÍTULO 10

Enquanto Kit encarava os incontáveis rostos no auditório, todos olhando para ele, com vários graus de confusão, expectativa e surpresa, sentiu um fio de suor escorrer pela parte de trás de sua gola.

Embaralhou as copiosas notas escritas à mão, que Emma lhe deu e olhou para as flores roxas que balançavam alegremente, na mesa posta, à direita de seu púlpito. Duas das cinco plantas que estavam em sua estufa não floresceram, mas as três restantes estavam causando uma onda de especulação deliciada por toda a sala.

Ergueu o queixo e encontrou Emma, no meio da multidão. Ela se sentou diretamente na frente do púlpito, em sua linha de visão, e vê-la acalmou as batidas estrondosas de seu coração.

Respirou fundo e desejou que suas palmas úmidas parassem de suar. *Podia fazer isso.* Esses homens eram seus pares, não combatentes inimigos, que lhe desejavam mal. Esta sala de palestras, bem iluminada, estava a um mundo de distância da cela sem ar, que enfrentou com Andrew, na Espanha.

A lembrança de seu amigo fortaleceu a determinação de Kit. Assim como esteve determinado a devolver o medalhão para Emma, *ela* estava determinada a nomear essas plantas com o nome de seu irmão. Kit poderia fazer isso acontecer. Ele não deixaria seu medo de falar em público, nem o grande número de pessoas na sala, pará-lo.

Emma teve permissão para acompanhá-lo como sua convidada, e ele se divertiu, ao ver os olhares especulativos que os dois receberam dos outros homens. Sem dúvida, a notícia de sua saída conjunta chegaria aos ouvidos das esposas da *ton,* nesta noite.

A ideia do nome de Emma ligado ao seu não o desanimou minimamente, mas como ela não era uma debutante sorridente, mas conhecida por seguir suas próprias normas, quando se tratava de jogar pelas regras da sociedade, não achava que alguém esperasse que eles se casassem, por causa de um escândalo.

Quase desejou que o fizessem.

Voltou sua atenção para ela novamente e uma imensa calma se instalou sobre ele. O resto da sala ficou desfocada, enquanto a olhava fixamente; o belo verde dos seus olhos, aqueles lábios perfeitos e beijáveis.

Ele fingiu que ela era a única pessoa na sala, que estava falando apenas com ela. Estavam de volta a Ashford Court, na estufa, não neste auditório cheio de correntes de ar e velhos abafados.

Seu batimento cardíaco diminuiu e sua respiração se aprofundou, enquanto relaxava. Concentrou-se em lembrar o cheiro dela, o plano suave de sua bochecha, a beleza, de tirar o fôlego, de sua forma nua, enquanto nadava na piscina, ao amanhecer.

Limpou a garganta, e sua voz estava calma e firme.

— *Dama* e cavalheiros. — enviou-lhe um sorriso que ela retribuiu com um aceno encantador, de reconhecimento pela cortesia — Estou aqui, diante dos senhores, hoje, em nome de um grande amigo meu, senhor David Townsend. Me entristece informar que o próprio Sr. Townsend não pode estar conosco, para a revelação do que, tenho certeza de que concordarão, é uma nova adição importante, ao gênero *Orchidaceae.* — apontou o braço para as plantas floridas à sua direita — Apresento aos senhores, *Oncidium Townsendiae Purpurea.*



— *Conseguiu!*

Emma riu, sem fôlego, enquanto os dois afundavam na carruagem — Ah, eu sabia que era capaz! Obrigada!

Kit lhe sorriu de seu assento, no lado oposto — Estou feliz por ter conseguido apresentar seu caso bem o suficiente, para que concordassem em adotar o novo nome. E para reconhecer sua subespécie, inteiramente nova.

Lançou um olhar irônico para as orquídeas, suas flores roxas balançando alegremente do caixote, no chão. Emma levou os dedos à garganta e tocou o pequeno medalhão de prata, que estava pendurado ali, suspenso por uma nova corrente fina.

— Acho que Andrew nos trouxe sorte.

— Sim. Ele ficaria muito orgulhoso.

O coração de Emma estava transbordando. Com orgulho, pelo fato de que, finalmente, honrou a memória de Andrew, com algo duradouro e significativo. Com gratidão ao homem à sua frente, por superar sua reticência natural em defender sua causa. E com uma tristeza pungente, de que seu tempo juntos estava chegando ao fim.

Ela não queria que isso acabasse. Tinha gostado muito de sua companhia, na semana passada.

— O que acha de uma taça comemorativa, de vinho do porto, na minha casa, Lady Townsend?

— Eu gostaria muito. — ela sorriu.

Uma sensação de urgência imprudente tomou conta dela.

Seu navio, o Medusa, estava em processo de reforma e reabastecimento. Ela partiria, em outra viagem de caça às plantas no Brasil, em menos de duas semanas. Mas por que não deveria aproveitar esse breve momento de felicidade com Kit? Tinha vinte e três anos e nunca teve um amante, e até que o reencontrou, realmente não se considerava perdendo nada. Mas seu corpo reagiu a ele das maneiras mais extraordinárias e foi consumida pela curiosidade de saber como seria abandonar todo decoro e tocar aquele corpo incrível dele, sem restrições.

Para que ele a tocasse em troca.

Não esperava que ele se casasse com ela, é claro. Mas, talvez, contanto que tomassem as precauções necessárias para evitar uma gravidez, pudessem compartilhar uma semana de paixão, antes que embarcasse para o outro lado

do mundo.

Seu estômago deu uma cambalhota com o pensamento. A carruagem parou, apertou a mão de Kit, enquanto ele a ajudava a descer os degraus, e a conduzia para a entrada de sua casa.

De repente, autoconsciente - porque, na verdade, como se sugeria a um homem que deseja se tornar sua amante? - permitiu que o austero mordomo levasse sua capa e seguiu Kit, para o que parecia ser um escritório.

Aceitou a taça de vinho, que ele serviu no aparador, e sorriu, quando ele bateu a borda de sua própria taça contra a dela.

— Um brinde. — disse ele — Para um empreendimento conjunto de sucesso.

— E para novas *aventuras.* — ela brincou.

Eles estudaram um ao outro enquanto bebiam.

— Tenho uma coisa para lhe perguntar...

— Tenho uma confissão a fazer...

Os dois riram, enquanto falavam, ao mesmo tempo.

— Desculpe, fale primeiro. — Emma disse rapidamente — Qual é a sua confissão?

Os olhos cinzas de Kit estavam firmes, por conta própria — É bastante escandaloso, receio.

Ela ergueu as sobrancelhas — Bem, se quer saber, o que eu gostaria de lhe perguntar também é.

Ele ergueu as sobrancelhas, com interesse descarado, mas ela gesticulou para ele com o copo — Mas eu insisto que vá primeiro.

— Muito bem. Eu a vi tomando banho, na piscina quente, em Ashford Court. Na manhã de Natal.

O calor escaldou suas bochechas — Viu?

— Receio que sim.

Sua expressão parecia grave, mas havia um brilho em seus olhos e o fantasma de um sorriso, no canto de sua boca. Seu coração começou a bater forte.

— Me viu nua?

— Sem querer. Entrou assim que eu terminei meus exercícios matinais. Não queria assustá-la, então me agachei atrás de uma planta. Eu não tinha ideia de que você planejava nadar. No momento em que percebi que era sua intenção, já tinha se despido.

Emma tinha certeza de que suas bochechas estavam vermelhas, mas se forçou a segurar seu olhar intenso — E... gostou do que viu?

— Gostei. É maravilhosa, Emma Townsend.

Era agora ou nunca. Hora de aproveitar o momento.

— Gostaria de me ver nua de novo?

Ela prendeu a respiração, e o tempo pareceu parar, enquanto ela esperava pela resposta dele.

— Gostaria muito. — sua voz estava rouca, quase um sussurro — Mas

está prestes a partir em outra aventura. Não tem tempo para uma viagem de volta a Somerset e um mergulho na minha piscina.

Excitação e terror rodopiaram em seu ventre — Talvez pudéssemos... experimentá-lo, sem uma piscina?

Com lenta deliberação, ele pousou o copo, depois pegou o dela e o colocou ao lado do seu. Sua pulsação acelerou, quando os dedos dele roçaram os dela. Kit se aproximou e levantou a mão, para segurar sua bochecha — Está sugerindo que tenhamos um caso?

— Acredito que sim.

Ele balançou a cabeça — Bem, nesse caso, sinto muito, mas não posso aceitar.

Seu ânimo despencou. Como ela poderia tê-lo interpretado tão erroneamente? Deus, era tão tola! Ela abriu a boca para tentar salvar a situação, mas ele passou o braço livre ao redor de sua cintura e a puxou para frente, quando ia se afastar.

— Não! — disse rispidamente — Me deixe terminar. Por favor.

Ela se acalmou.

— Não quero um caso breve. Quero mais.

— Mas não vou ficar na Inglaterra. — disse — Tenho planos. Há um mundo inteiro lá fora para descobrir.

— Eu não quero que vá embora. — franziu a testa e balançou a cabeça, como se estivesse frustrado com sua própria inarticulação — Não, isso não é verdade. Eu *quero* que vá porque é isso que te faz feliz, e eu nunca te impediria de fazer o que ama.

— Mas…

— O que eu quero dizer é, eu não quero que me deixe para trás. — seus olhos cinza cravados nos dela, quando ele soltou uma respiração longa e instável — Eu costumava gostar de estar sozinho. Preferia, mesmo. Mas eu me sentirei solitário sem você. Só e completamente miserável.

Emma mal podia acreditar em seus ouvidos. Seu coração batia tão rápido, que ela tinha certeza de que ele seria capaz de ouvi-lo.

O braço dele apertou a cintura dela — E se eu... for contigo?

A hesitação em sua voz era tão surpreendente quanto cativante.

Ela franziu a testa — Quer dizer, como meu guarda-costas? Como membro da minha equipe? — a alegria a encheu quando a ideia tomou forma — Não vejo por que não. Toda expedição precisa de um carregador bom e forte para...

Ele balançou a cabeça — Não como carregador. Pelo menos, não só assim, embora eu carregue suas plantas, sempre que quiser. Eu estava pensando mais na linha de... marido.

Ela ficou de boca aberta — Marido?

Ele sorriu com o choque dela e usou o polegar para acariciar suavemente sua mandíbula — Sim, se me aceitar. Quero fazer parte de todas as suas aventuras. Eu quero *viver*, não apenas existir.

— Mas... as selvas do Brasil estão repletas de criaturas perigosas e hostis...

— ...e mal posso esperar para descobrir todas elas ao seu lado. — deu de ombros, pesaroso — Sei que não tenho muita fortuna, e sou um demônio rabugento, na melhor das hipóteses, mas *tenho* uma estufa muito impressionante. E se isso não a influência, então acho que deveria saber disso... Eu a amo, além da medida.

Ela ofegou, e ele soltou uma risada irônica — Acho que te amei, desde o momento em que caiu daquela árvore e me derrubou. Talvez até antes disso. Antes mesmo de eu ir para a guerra. Eu nunca parei de pensar em você, mesmo quando estava na prisão. Rezei para viver, para poder voltar e encontrá-la novamente.

Seu olhar perfurou o dela — Acho que Andrew sabia, ou, pelo menos, suspeitava. Acho que, ao me pedir para lhe dar aquele medalhão, ele estava... dando-nos a sua bênção. Mas não importa o que ele gostaria. O que importa é o que *você* quer. — traçou os lábios dela com a ponta do dedo. — Me quer, Emma? Quer se casar comigo?

Emma não precisou pensar duas vezes. De todos os homens que já conheceu, não conseguia imaginar ninguém melhor ao seu lado. Ela jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Bem, seria um tanto escandaloso, se partíssemos juntos *sem* nos casarmos. — admitiu, sem fôlego — Mas não é por isso que estou dizendo sim. Estou dizendo sim, por que também te amo.

Seus ombros largos caíram em alívio, e um brilho diabólico acendeu em seus olhos.

— Nesse caso, retiro o que disse, sobre ter um caso. Levará alguns dias para obter uma Licença Especial, do Arcebispo de Canterbury, e não posso passar mais uma hora sem levá-la para a cama. Devemos ser amantes, até estarmos oficialmente casados?

O estômago de Emma deu um pulo de excitação — Ah, sim, por favor! — suas bochechas aqueceram em antecipação, mesmo quando lhe deu um olhar atrevido — Eu gostaria de *vê-lo* nu. É justo.

Ele riu abertamente, e o estrondo profundo a aqueceu completamente — Chegou muito perto, roubando minhas roupas, enquanto eu tomava banho. — repreendeu.

Ela tentou e não conseguiu parecer arrependida — Fiquei esperando que o lençol de banho se desenrolasse, mas deve dar nós incrivelmente apertados. Foi muito decepcionante.

Seus olhos cinzas brilharam, com intenção maliciosa — Não é isso que vai dizer, *depois* que fizermos amor, eu prometo.

Ela se ergueu nas pontas dos pés, oferecendo-se para um beijo, e Kit não precisou de mais incentivo. Tomou sua boca em um beijo, que a deixou sem fôlego; feroz e terno ao mesmo tempo. Suas grandes mãos subiram para embalar a parte de trás de sua cabeça, e ela quase desmaiou de prazer, quando

sua língua varreu para dentro, para se enredar com a dela.

Ambos estavam ofegantes quando ele, finalmente, afastou sua boca da dela.

— Vamos subir? — ele rosnou.

Emma assentiu, absolutamente certa — Sim.

Uma risadinha escapou dela, quando ele a pegou por trás dos joelhos e a ergueu em seus braços. Caminhou até a porta, atravessou o corredor e subiu as escadas, de dois em dois.

Ela passou os braços ao redor de seu pescoço e despejou beijos ao longo de sua mandíbula, saboreando seu gemido de impaciência e o cheiro inebriante de sua pele. Ele era esmagador, da melhor maneira possível, mas ela não tinha dúvidas de que seria um amante atencioso. Ele conheceu a dor e a perda, assim como ela, mas seu coração era leal e verdadeiro.

Mal podia esperar para começar o próximo capítulo de sua vida, com ele ao seu lado. Seria outra aventura maravilhosa...



Fim





9786580754441

Compre aqui

Um mestre espião e uma bela ladra encontram o amor e a intriga nos braços um do outro...

Forçada a fazer a vontade de um ministro corrupto do governo, Marianne de Bonnard concorda em plantar provas incriminatórias nos escritórios do mais notório espião da França. Sob a capa da noite, a ladra que caminha na corda bamba faz bom uso de suas habilidades - até que sua acrobacia aérea é frustrada quando seu alvo aparece na janela e, com uma postura inabalável, ajuda Marianne a sair do arame e entrar em seu covil. Os tremores que atravessam seu corpo não são apenas de medo; há um frisson indesejável de desejo também. Mas será por causa de seu anfitrião elegante, maliciosamente bonito... ou por sua proposta?

Nicolas Valette tem planos para sua graciosa invasora desde que testemunhou suas habilidades únicas no Cirque Olympique. Sinuosa como uma gata, Marianne é perfeita para sua próxima missão, mas ela recusa sua generosa oferta por medo de desobedecer ao atormentador de sua família. Quando seus inimigos mútuos leiloam sua virgindade ao maior lance, Nicolas pula na chance de comprar sua cooperação. Mantê-la será como tentar domesticar um animal selvagem, mas o que é a vida sem um pouco de risco? Além disso, Nicolas e Marianne querem a mesma coisa: vingança - e, talvez, algo mais que seja igualmente delicioso.

Compre aqui



9786580754731

Compre aqui

Quando uma estudiosa decifradora de códigos e um espião ardente se reúnem neste romance histórico escaldante da autora de Para Roubar um Coração, suas vidas dependem de sua capacidade de resistir à tentação. Mas o destino é um amante que não pode ser negado...

Inglaterra, 1815.

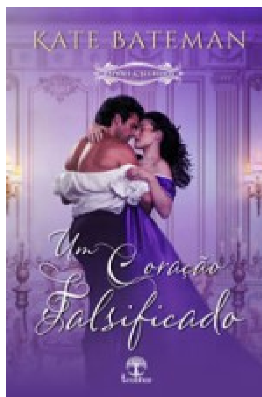
Na guerra contra a França, Heloise Hampden é um bem de alto valor para a Coroa. Quando ela rompe a mais recente comunicação do inimigo, agentes franceses são enviados para silenciá-la. Mas é o agente designado para proteger Heloise que representa a maior ameaça ao seu coração: William de l'Isle, Visconde Ravenwood. Heloise vem brigando com o homem que chamam de Raven desde a infância, mas sempre mantendo uma distância casta. Ela tem certeza de que isso não mudará, graças à cicatriz que desfigura seu rosto.

Nada mudou. Raven ainda se pergunta como o corpo delgado da megera Hampden se sentiria pressionado contra o dele, mas, para a missão, terá que se lembrar de que a mulher tem mais prazer em línguas antigas do que em sedução.

Sua prisão há seis anos o quebrou de uma forma que torna impossível a perspectiva do amor - é um Hades sombrio que está ansioso por uma Perséfone beijada pelo sol. Ainda assim, seu coração bate como louco sempre que está a dez passos de Heloise, e fará o que for preciso para mantê-la a salvo - mesmo que isso signifique levá-la para a Espanha como uma refém relutante.

Protegê-la do perigo será um desafio; protegê-la do seu desejo será pura agonia.

Compre aqui



9786554440110

Compre aqui

Uma falsificadora mal-humorada e um agente britânico arrogante se chocam neste romance escaldante de K. C. Bateman, cujos romances históricos espirituosos, inteligentes e sensuais se tornaram sua assinatura.

Enquanto Sabine de la Tour atira pilhas de notas falsificadas em uma fogueira em um parque parisiense, despede-se relutantemente de sua vida dupla como uma criminosa notória. Ao longo do reinado de Napoleão, suas falsificações desestabilizaram o continente e transformaram os canalhas em homens ricos, mas agora ela e seu parceiro de negócios precisavam fugir da França - ou enfrentar a guilhotina. Sua única esperança de sobreviver na Inglaterra era fazer um acordo com o próprio espião que havia superado em sua carreira. Agora, depois de encontrar o agente arrogante em carne e osso, Sabine anseia atirar-se à sua misericórdia - e aos seus braços.

Richard Hampden, Visconde Lovell, está preparado para assumir qualquer risco para salvaguardar a Inglaterra dos horrores da Revolução Francesa. Para atrair os insurgentes das sombras, até está disposto a fazer um pacto com seu arqui-inimigo: Philippe Lacorte, o maior falsificador da Europa. Mas, quando uma beleza atrevida e esbelta prova ser Lacorte, Richard fica chocado - e mais do que um pouco excitado. Ao contrário das debutantes que tantas vezes se atiravam nele, esta sirigaita astuta oferece um desafio único e irresistível. Richard vai ajudá-la. Mas em troca, quer algo que nem mesmo Sabine pode falsificar.

Compre aqui

SOBRE A AUTORA



Kate Bateman / K.C. Bateman, é a autora best-seller número 1 de romances históricos da Regência e Renascença, incluindo a série Segredos & Espiões e a série Bow Street Bachelors. Seus livros receberam várias resenhas e estrelas do Publishers Weekly e Library Journal, e apresentam heroínas inteligentes e combativas (duronas em corpetes!), brincalhonas maliciosamente inapropriadas, e heróis que queremos estrangular e beijar. Sua brincadeira renascentista O Diabo para Pagar foi indicado ao RITA em 2019.

Quando não escreve, Kate leva uma vida dupla como avaliadora de belas artes e especialista em antiguidades na tela de vários programas de TV no Reino Unido. Ela vive atualmente em Illinois, EUA, com seu marido, amante de números, e três filhos incansáveis, e volta regularmente para sua Inglaterra natal "para pesquisa". Kate adora ouvir os leitores. Entre em contato com ela através de seu website: www.kcbateman.com e inscreva-se para receber regularmente atualizações sobre novos lançamentos, brindes e trechos exclusivos.



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o **E-mail Leabhar Books®**